

DIÁLOGOS E POSSIBILIDADES ENTRE O ENSINO DE GEOGRAFIA E A ALFABETIZAÇÃO A PARTIR DO MÉTODO

PAULO FREIRE

DIALOGUES AND POSSIBILITIES BETWEEN GEOGRAPHY EDUCATION AND LITERACY BASED ON THE PAULO FREIRE METHOD

Felipe Genaro¹

RESUMO

A proposta de alfabetização apresentada por Paulo Freire tem como princípio o diálogo entre o saber do aluno e o do professor, buscando uma prática pedagógica de construção coletiva do conhecimento. Ele nos apresenta que a leitura do mundo precede a leitura das palavras e, por isso, as experiências e os conhecimentos prévios são a base de sua proposta, cabendo ao professor o papel de mediador. Partindo do entendimento de que a leitura do mundo remete a um conhecimento geográfico, este artigo busca compreender as possibilidades e contribuições do Ensino de Geografia no processo de alfabetização, pautado no Método Paulo Freire. A hipótese levantada é de que o conhecimento acumulado pela ciência geográfica tem potencial de dar ferramentas para que o professor entenda a leitura do mundo de seus alunos, contribuindo assim para o levantamento do universo vocabular e dos temas geradores. O conhecimento geográfico também possibilita aos alunos ampliar sua visão do mundo a partir de suas categorias e conteúdos e desta forma compreender os diferentes elementos do espaço onde vive. A elaboração de uma proposta pedagógica que estabeleça diálogos entre estas duas áreas do ensino tem capacidade de valorizar o ensino de geografia na medida em que o coloca como importante elemento para o processo de alfabetização.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Geografia, Alfabetização, Método Paulo Freire, Leitura do Mundo.

¹ Mestre em Geografia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor do Ensino Fundamental I e da Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Uberlândia. E-mail: felipegenaro3@gmail.com

ABSTRACT

The literacy proposal presented by Paulo Freire is based on the principle of dialogue between the student and the teacher's knowledge, thus seeking a pedagogical practice based on the collective construction of knowledge. He presents to us that the reading of the world precedes the reading of words, and therefore, prior experiences and knowledge are the foundation of his proposal, with the teacher assuming the role of mediator. Based on the understanding that the reading of the world is related to geographical knowledge, this article seeks to understand the possibilities and contributions of Geography Education to the literacy process guided by the Paulo Freire Method. The hypothesis hereby raised is that the knowledge accumulated by geographical science has the potential to provide tools for the teacher to understand the students' reading of the world, thereby contributing to the identification of their vocabulary universe and generative themes. It also enables students to broaden their world view through its categories and content, consequentially allowing them to understand the different elements that characterize the space in which they live. The development of a pedagogical proposal that establishes dialogues between these two areas of education is capable of enhancing the value of geography teaching, at the same time that it positions it as an important element in the literacy process.

KEYWORDS: Geography Education, Literacy, Paulo Freire Method, World Reading .

INTRODUÇÃO

Pensar em uma sociedade pautada na democracia e no direito pleno pressupõe que todas as pessoas tenham acesso a uma educação de qualidade para exercer sua cidadania. Entretanto, apesar do desenvolvimento econômico de nosso país, ainda nos deparamos com o analfabetismo de uma parcela significativa de nossa população.

No Censo Demográfico de 2022 foi apresentado que 11,4 milhões de pessoas com 15 anos ou mais não sabiam ler e escrever um bilhete simples (IBGE, 2024). Esse cenário se agrava quando são comparadas as diferenças entre as taxas de analfabetismo por cor ou raça. Pretos, pardos e indígenas apresentaram mais que o dobro da taxa de analfabetismo quando comparados a brancos e amarelos. A taxa apresentada da população branca e amarela é de 4,3% e 2,5%, respectivamente. Já entre pretos, pardos e indígenas o analfabetismo entre pessoas acima de 15 anos ocorre na taxa de 10,1%, 8,8% e 16,1% respectivamente (IBGE, 2024).

É neste cenário que se faz necessário buscar estratégias e propostas teórico-metodológicas capazes de fomentar políticas públicas de erradicação do analfabetismo. No país de Paulo Freire, temos amplas possibilidades de construir propostas didáticas voltadas a enfrentar esta questão que escancara a desigualdade de nosso país.

A partir das leituras da obra de Paulo Freire e das experiências que obtive com a alfabetização de jovens e adultos na rede pública, surgiram as ideias para este artigo. Entender que, apesar de não alfabetizados, essas pessoas possuem ricos conhecimentos adquiridos de suas experiências, conhecimentos que vêm do trabalho, das suas relações sociais e das suas relações com o espaço vivido. Possibilitar que este conhecimento seja a base da prática pedagógica estabelece um processo de ensino-aprendizagem mais significativo e profundo, dando capacidade de emancipação aos indivíduos.

Mas como pensar a prática pedagógica inspirada em Paulo Freire em conjunto com o Ensino de Geografia? Observando os objetivos do ensino de geografia nas séries iniciais, conseguimos traçar relações e possibilidades entre o conteúdo escolar e o método Paulo Freire. A própria Base Nacional Comum Curricular apresenta o Ensino de Geografia como capaz de levar o aluno a entender o espaço onde vive, capacidade essa central na abordagem freireana.

Estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta. Ao mesmo tempo, a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão

perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças. (BRASIL, 2018, p. 357)

Um dos trabalhos de geografia que elucidam este caminho é o de Helena Callai: *Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental* (2005). A autora apresenta que o ensino de geografia possibilita aprender a pensar o espaço, praticar uma leitura de mundo e entender as relações que o estabelece. Essa capacidade do Ensino de Geografia somada ao momento de alfabetização é capaz de ampliar o campo semântico do aluno a partir de um universo vocabular vivido por ele.

Como realizar a leitura da palavra por meio da leitura do mundo? E como fazer a leitura do mundo por meio da leitura da palavra? Esse pode ser o desafio para pensar um aprendizado da alfabetização que seja significativo. Partindo do fato de que a gente lê o mundo ainda muito antes de ler a palavra, a principal questão é exercitar a prática de fazer a leitura do mundo. E pode-se dizer que isso nasce com a criança. (CALLAI, H.C. 2005. p.232.)

Podemos perceber que a “leitura do mundo” se apresenta então como uma capacidade a ser trabalhada pelo Ensino de Geografia com os alunos das séries iniciais. Essa importância também é explícita nas obras de Paulo Freire, quando afirma que o objetivo de aprender a ler é ser capaz de ler o mundo onde vivemos e entender as relações histórico-sociais que nos condicionam. A partir da leitura do mundo e da leitura da palavra é que podemos nos humanizar, pensar e agir de forma autônoma e construir novas relações de cidadania.

Isto porque a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político. (FREIRE, 1989, p. 7).

Desta forma, é possível traçar similaridades entre o Método Paulo Freire e o Ensino de Geografia, pois se entende que etapas da alfabetização proposta por Freire são também “aulas de geografia”. As propostas de círculos de cultura, pesquisa de universo vocabular e formulação de temas geradores possibilitam o processo de alfabetização geográfica, assim como se beneficia dele.

Essas proximidades se dão também quanto aos objetivos. Em uma perspectiva crítica da geografia, o ensino da mesma busca formar sujeitos críticos e capazes, não só de compreender o espaço em que vivem, mas também de atuar ativamente para

evidenciar as desigualdades e contradições presentes nele e desta forma atuar contra elas. Essa necessidade de se estabelecer uma postura crítica da geografia escolar é apresentada por Rafael Straforini:

O papel da Educação e, dentro dessa, o do ensino de Geografia é trazer à tona as condições necessárias para a evidência das contradições da sociedade a partir do espaço, para que no seu entendimento e esclarecimento possa surgir um inconformismo com o presente e, a partir daí, uma outra possibilidade para a condição da existência humana. (Straforini, 2004, p.56.)

Essas ideias vão na mesma linha do pensamento freireano. No livro *Pedagogia da Autonomia* (2000), Paulo Freire defende que o ato de educar é um ato de intervir no mundo, pois consegue evidenciar as relações entre oprimidos e opressores, dando suporte assim para a emancipação do educando:

Outro saber de que não posso duvidar sequer na minha prática educativa crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto no esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento [...] (FREIRE, 2000, p.110).

No entanto, o Ensino de Geografia inspirado na prática pedagógica freireana tem que buscar superar a ideia de educação centrada na reprodução de conteúdos, onde o professor se postula como “centro do saber”. O professor deve, ao longo do seu trabalho, construir o conhecimento junto ao aluno, elencando os caminhos para isso a partir da pesquisa das experiências e saberes de sua turma. Desta forma, o Ensino de Geografia conseguiria superar a lógica tradicional de reprodução de saberes deslocados da realidade vivida daquele que aprende.

DESENVOLVIMENTO

O que é Método Paulo Freire?

Apesar de ser mundialmente famoso por seu “método” de alfabetização, as obras de Paulo Freire não têm como objeto central um “passo a passo” de como se alfabetizar. Seu trabalho centra-se na necessidade de se pensar uma educação crítica e emancipatória, lançando as bases políticas e ontológicas que o autor considerava essencial na formação de professores e educadores.

Carlos Rodrigues Brandão, autor que vivenciou os movimentos de alfabetização da época e se tornou um dos principais autores para entender a obra de Freire, nos apresenta (2008) que:

Paulo Freire não criou um “método de alfabetização”. Ele estabeleceu em um artigo publicado originalmente em Estudos universitários, da Universidade do Recife, “Conscientização e Alfabetização: uma nova visão do processo”, todo um projeto integrado de educação, que começava com um método de alfabetização e concluía coma proposta de uma universidade popular. O método de alfabetização era apenas o seu primeiro andar. (BRANDÃO, C, R. 2008. p.263).

A obra mais relevante para entender este início da proposta freiriana é o livro “O que é Método Paulo Freire” (2017), escrito por Brandão, onde o autor descreve quais foram os caminhos pedagógicos percorridos nas primeiras experiências de alfabetização lideradas por Paulo Freire.

Em um primeiro momento, se formavam os *círculos de cultura* em que os alfabetizandos, em conjunto com pessoas alfabetizadas treinadas para ajudar o grupo, faziam atividades de “pesquisa” elencando palavras e temas com relevância e significado para aquela comunidade. Essa coleta de palavras e temas possibilitava identificar o *universo vocabular* das pessoas que compunham o círculo. Este *universo vocabular* era o campo semântico dessa comunidade, eram palavras tiradas de seus espaços de vida, de seus trabalhos e de suas relações sociais.

A partir da descoberta deste campo semântico da comunidade, as palavras e temas coletados pelo círculo de cultura eram trabalhados para se tornarem “material didático” para o processo de alfabetização. Produziam-se as “fichas de cultura” para serem apresentadas e debatidas com a turma. O direcionamento do processo de alfabetização partia na seguinte direção: primeiro há a apresentação do texto / tema gerador. Em seguida, elencam-se as palavras chave deste tema. Essas palavras são desmembradas em sílabas para que os alfabetizandos compreendam sua construção fonética. Em seguida é apresentada a “família silábica” das sílabas dessas palavras e, a partir dessas, se estimula a turma a buscar novas palavras compostas por estas “famílias”. Por exemplo, a palavra TIJOLO:

Quadro 1- Família silábica da palavra TIJOLO

TIJOLO	TA - TE - TI - TO - TU
	JA - JE - JI - JO - JU
	LA - LE - LI - LO - LU
Possíveis palavras criadas pela turma a partir destas “famílias silábicas”	TETO, LAJOTA, LOJA

Fonte: Adaptado de Brandão (2017, p.35)

As palavras descobertas são lidas e debatidas, possibilitando assim entender não só a decodificação silábica, mas também a representação simbólica destas para a comunidade, podendo então servir de novo ponto de partida para se elencar novos e temas geradores, tornando-se assim, um processo cíclico: Texto - palavra - sílaba - palavra - Texto.

Os diálogos possíveis

As perguntas que direcionaram este trabalho foram: - Quais são os objetivos do Ensino de Geografia, sobretudo nas séries iniciais, e quais são as possíveis conexões entre o Ensino de Geografia e o processo de alfabetização pautado no Método Paulo Freire?

A geografia apresenta ao aluno, a partir de suas experiências locais, ou seja, de seu espaço vivido, como ocorrem as relações socioeconômicas e ambientais na construção do espaço geográfico. Ou seja, possibilita ao aluno pensar como diferentes fatores, em diferentes escalas, se materializam no nosso cotidiano. Como apresenta Helena Copetti Callai (2005), o ensino de geografia promove a possibilidade de *aprender a ler o mundo*.

Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Em linhas gerais, esse é o papel da geografia na escola. Refletir sobre as possibilidades que representa, no processo de alfabetização, o ensino de geografia, passa a ser importante para quem quer pensar, entender e propor a geografia como um componente curricular significativo. Presente em toda a educação básica, mais do que a definição dos conteúdos com que trabalha, é fundamental que se tenha clareza do que se pretende com o ensino de geografia, de quais objetivos lhe cabem. (CALLAI, H.C. 2005. p.229)

O “aprender a ler o mundo” apresentado pela autora vem em consonância com as ideias de Paulo Freire. A compreensão acerca da alfabetização apresentada pelo autor era que o processo de alfabetização não se limitava a uma capacidade mecânica de decodificar e reproduzir símbolos.

Contradizendo os métodos de alfabetização puramente mecânicos, projetávamos levar a termo uma alfabetização direta, ligada realmente à democratização da cultura [...] Pensávamos numa alfabetização que fosse ao mesmo tempo um ato de criação, capaz de gerar outros atos criadores; uma alfabetização na qual o homem, que não é passivo nem objeto, desenvolvesse a atividade e a vivacidade da invenção e da reinvenção, características dos estados de procura. (FREIRE, 1980, p. 41).

Alfabetizar, na perspectiva freiriana, é capacitar o aluno a reconhecer e registrar no campo das palavras, escritas e orais, as suas relações sociais, econômicas e culturais,

tornando-o um sujeito capaz de entender o espaço onde se insere essas relações e capacitando-o a criar conhecimentos e práticas transformadoras desse espaço.

Desta forma, podemos pensar na hipótese de que o Ensino de Geografia é capaz de se inserir e de fornecer ferramentas para o processo de alfabetização, sobretudo na perspectiva freiriana. Nas duas práticas pedagógicas, o professor assume o papel de mediador, assim como apresenta Lana Cavalcanti (2005):

a mediação própria do trabalho do professor é a de favorecer/propiciar a interação (encontro/confronto) entre o sujeito (aluno) e o seu objeto de conhecimento (conteúdo do escolar). Nessa mediação, o saber do aluno é uma dimensão importante do seu processo de conhecimento (processo de ensino-aprendizagem) (CAVALCANTI, L. 2005, p. 66).

Considerando que o conhecimento prévio do educando é o ponto de partida para este processo de alfabetização e que esse conhecimento é fruto das relações entre o indivíduo e o espaço vivido, podemos estabelecer a seguinte forma de inserção do Ensino de Geografia:

- Formação do círculo de cultura para levantamento do universo vocabular: possibilidade de leitura do **lugar, paisagem e território** dos alunos.
- Levantamento dos temas e das palavras geradoras evidenciando ao educando que elas são elementos presentes nas relações sociais e ambientais do espaço vivido.
- Apresentação da forma com que os temas e palavras geradoras se apresentam em diferentes escalas. Ou seja, apresentando a forma com que os elementos do cotidiano do educando são condicionados por relações que vão além do lugar onde vive, ampliando assim a sua leitura de mundo e aumentando o universo vocabular a ser trabalhado.

Neste sentido, podemos pensar na hipótese de que, assim como apresentou Paulo Freire (1989), a leitura do mundo precede a leitura das palavras, essa leitura de mundo é objeto de estudo e objetivo do ensino de geografia. O Ensino de Geografia é plenamente capaz de dar ferramentas a partir de suas suas categorias de análise para apoiar o processo de alfabetização.

Os caminhos do diálogo

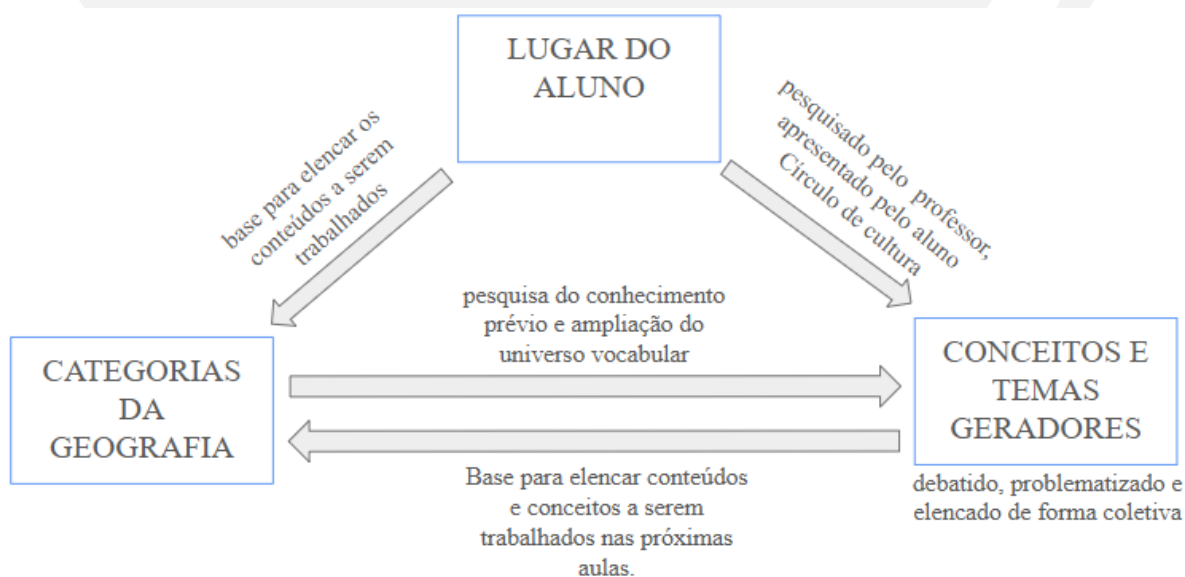
As principais obras de Paulo Freire para pensarmos o ensino de geografia que dialogue com a sua proposta de alfabetização são Pedagogia do Oprimido, onde ele apresenta a necessidade de pensar uma educação capaz de superar a lógica do opressor a partir de uma pedagogia centrada na “dialogicidade”, e Pedagogia da Autonomia na qual é apresentada as bases éticas da prática educativa. Outros importantes trabalhos

para essa pesquisa são “A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam” e “Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra” escrito por Freire e Donaldo Macedo.

Para fazermos a interação entre a Alfabetização no Método Paulo Freire e o Ensino de Geografia, faz-se necessário pensar uma construção metodológica pautada no conceito de diálogo/dialogicidade de Paulo Freire. Em Pedagogia do Oprimido, o autor apresenta o diálogo como a base de uma educação humanizadora. Estabelecendo um processo de interação, reflexão e ação de forma contínua, em que todas as partes são importantes na prática educativa. Pensar uma metodologia de ensino pautada na dialogicidade é reconhecer as diferentes linguagens dos campos estudados, suas semelhanças de objetivos e conceitos e as potencialidades de estabelecerem juntos um novo conhecimento.

Neste caminho, o papel do professor de geografia se posicionaria como um mediador entre o conhecimento do aluno, o espaço onde vive, as relações das diferentes escalas que o constituem e o conteúdo curricular. Cabe ao professor o papel de pesquisador de sua turma, levantando as diferentes leituras de mundo e as possíveis cartografias do cotidiano. É desse conhecimento que irão se estabelecer os próximos passos do processo de ensino-aprendizagem, em que se problematizam os diferentes fatores que compõem o lugar do aluno. Posteriormente, o professor deverá registrar e avaliar o avanço desse conhecimento coletivo e abstrações de conceitos e temas para depois retornar sua prática do diálogo seguindo assim o fluxograma abaixo:

Fluxograma 1 - PROPOSTA DIÁLOGO ENTRE MÉTODO PAULO FREIRE E O ENSINO DE GEOGRAFIA



Fonte: Elaboração do autor.

O campo “LUGAR DO ALUNO” é lugar de partida para pensar as CATEGORIAS DA GEOGRAFIA e os conteúdos a serem trabalhados pelo professor. É também a partir desse campo que se inicia o diálogo coletivo para a formulação dos CONCEITOS E TEMAS GERADORES. O “LUGAR DO ALUNO” é constituído por sua história, suas experiências, suas relações de trabalho e cultura. Ele é composto por elementos de diferentes escalas, carrega ao mesmo tempo valor simbólico e as marcas da desigualdade que condicionaram aquelas pessoas.

O campo das “CATEGORIAS DA GEOGRAFIA” assume dois papéis: o de “pesquisa” ao buscar levantar a leitura do mundo dos alunos e o de “ampliação do universo vocabular” na medida em que possibilita ampliar as ferramentas para que os alunos interpretem o lugar onde vivem.

Já o campo “CONCEITOS E TEMAS GERADORES” será o motor para pensar as novas práticas pedagógicas, possibilitando ao professor avaliar a abstração dos conteúdos. Também é dele o importante papel de formular os problemas de pesquisa e ação da turma, permitindo assim a construção coletiva do conhecimento. A partir dos registros desse diálogo é possível fazer o levantamento do universo vocabular, textos e mapas coletivos e elaborar, assim, uma prática pedagógica voltada a uma alfabetização mais significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como já apresentado na introdução, esta proposta se justifica na urgência de levar educação para todos, procurando assim pensar formas de atuar contra a questão do analfabetismo no país. Pensar metodologias inspiradas em Paulo Freire se justifica devido à relevância de sua obra, mundialmente reconhecida, e de suas experiências com projetos de alfabetização e educação popular. Seu trabalho se opõe ao modelo tradicional de educação, buscando a emancipação do educando e exaltando valores democráticos na construção do saber.

Construir uma prática pedagógica de alfabetização a partir do Ensino de Geografia se justifica na medida em que se entende que a “leitura do mundo”, peça chave do pensamento freireano, é parte do campo de estudo geográfico. Essa possibilidade de diálogo amplia a relevância do Ensino de Geografia nas séries iniciais,

capacita o alfabetizador a entender o espaço vivido pelo aluno, fornecendo ferramentas tanto para a alfabetização quanto para o conteúdo escolar da geografia.

O encontro entre essas duas áreas do conhecimento (Geografia e Pedagogia) pode sim ocorrer pelo pensamento de Paulo Freire de *diálogo/dialogicidade*. As partes se ensinam, o educador e o educando leem o mundo a partir de uma mediação de suas experiências, aprendem com ele e constroem politicamente novas possibilidades. Compartilhar diferentes mundos em uma proposta pedagógica é acreditar na capacidade dos sujeitos de produzir e repassar conhecimento.

Os frutos deste diálogo se apresentarão na construção de uma proposta pedagógica rica em significados, voltada a enriquecer o processo de alfabetização a partir das categorias de análise da Geografia. A partir deste diálogo também torna-se possível repensar a função do professor de Geografia. Ele deve procurar ensinar e aprender com o aluno, investigar os diferentes lugares de sua turma e as relações de trabalho que estabelecem aquela comunidade. Ir e vir, mediando para que o conhecimento seja uma construção coletiva e não a imposição de um currículo alheio à comunidade que o cerca.

Ler é um ato que vai muito além de decodificar letras e palavras. É a possibilidade de enxergar na leitura da palavra a experiência vivida. É conseguir transpassar a leitura que fazemos do mundo que nos rodeia a uma nova linguagem e, no final, é a possibilidade de registrar nossos conhecimentos, nossas relações sociais e nossa cultura a partir de nosso próprio viés. É, por consequência, romper com a ideia de educação hierarquizada que tira o protagonismo dos povos e amplia a desigualdade.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **História do menino que lia o mundo**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2014.

_____. **O que é o Método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. 4. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010. 162p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, **Educação geográfica: teorias e prática docentes**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 66-78.

_____. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez Editora / Autores Associados, 1989.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

IBGE. Censo 2022. **Alfabetização: Resultados do Universo**. Rio de Janeiro, 2024.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004. 188 p.

VESENTINI, José William. Realidades e perspectivas do ensino de geografia no Brasil. In: VESENTINI, José William (org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 2004. p. 219-248